



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Cátedra UNESCO
O Património Cultural
dos Oceanos
Portugal



UNIVERSIDADE
NOVA
DE LISBOA



OCEANICA

Embora numa conjuntura sensível, marcada pela pandemia de COVID-19, é urgente (re)pensar e (re)definir as agendas científicas e as estratégias políticas e económicas internacionais para os assuntos no mar. O início da UN Decade of Ocean Science for Sustainable Development (2021-2030), dinamizada pela UNESCO, em articulação com a UN Sustainable Development Agenda, constituem uma oportunidade única para a dinamização da investigação científica e definição de políticas internacionais que privilegiem a sustentabilidade, a consciencialização ambiental e a preservação dos espaços, das comunidades e dos recursos oceânicos.

Na década de 1990, uma oportunidade semelhante permitiu a constituição da Comissão Mundial Independente para os Oceanos, sob a presidência de Mário Soares, então Presidente da República, contando com a coordenação científica do biólogo Mário Ruivo. A Comissão apresentou as suas recomendações à comunidade internacional em Lisboa, a 1 de setembro de 1998, as quais se materializaram no relatório *O Oceano... Nosso Futuro* e estiveram na origem de várias diretrizes europeias para a *governança do oceano*.

Deste modo, o número 3 da 2ª Série da OCEANICA, organizado pelo Instituto de História Contemporânea, explora a relação entre ciência, política, diplomacia e economia na gestão dos recursos marinhos portugueses no período contemporâneo (séculos XIX-XXI). Esta análise possibilita o conhecimento de espaços e atores científicos, como o Aquário Vasco da Gama ou o biólogo Alfredo Magalhães Ramalho; a compreensão do contexto que envolveu a criação das primeiras políticas públicas para a economia do mar, relacionadas com a pesca e a sobrepesca; bem como o impacto da instalação de grandes infraestruturas, como os estaleiros de reparação naval, num contexto urbano, que se enquadra, simultaneamente, numa reserva biogenética fundamental – o Parque Natural da Arrábida.

Ângela Salgueiro, IHC-CEHFCI-UE / NOVA FCSH e
Maria de Fátima Nunes, Universidade de Évora e IHC-CEHFCI-UE

FICHA TÉCNICA

OCEANICA – Newsletter da Cátedra UNESCO “O Património Cultural dos Oceanos”, nº 3 da Série II (outubro de 2020).

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Luís Sousa Martins (IELT)

EDIÇÃO E DESIGN
Joana Baço (CHAM)

REVISÃO DE CONTEÚDOS (PT)
Anabela Gonçalves (IELT)
Carolina Vilardouro (IELT)

REVISÃO DE CONTEÚDOS (EN)
Diana Barbosa (IHC)

REVISÃO DE MAQUETE
Carlos Moreira (IEM)

COMUNICAÇÃO
Carla Veloso (CHAM)

AGUARELA DA CAPA
Rui Gaspar, "Sea sight at Forte da Luz Peniche, Portugal)", s.d., watercolor and chinese ink on paper. Facebook: [@artworksbyruigaspar](https://www.facebook.com/artworksbyruigaspar)

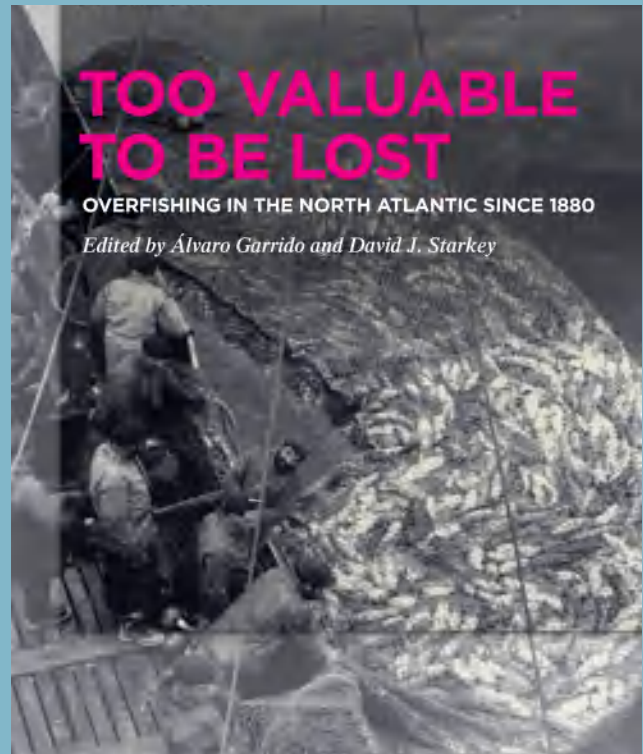
Email para o envio de informações, notícias e sugestões de divulgação: joanabaco@fcsch.unl.pt

Website da Cátedra UNESCO “O Património Cultural dos Oceanos” www.cham.fcsch.unl.pt/ext/catedra
Facebook: [@catedra.unesco.nova.oceanos](https://www.facebook.com/catedra.unesco.nova.oceanos)
Instagram: [@catedra.unesco.oceanos](https://www.instagram.com/catedra.unesco.oceanos)
Twitter: [@ChairOceans](https://twitter.com/ChairOceans)

UM INVESTIGADOR E A SUA OBRA

Diretor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, [Álvaro Garrido](#) é professor catedrático na mesma instituição e investigador associado do Instituto de História Contemporânea. A sua investigação centra-se em problemáticas relacionadas com a pesca, a economia do mar, o corporativismo económico e a economia social. Investigador responsável em projetos como o *Arquivo de Memórias da Pesca do Bacalhau*, é autor de livros premiados, nomeadamente *As Pescas em Portugal* (2018) e *A Economia Social em Movimento* (2018). Editou, em parceria com David J. Starkey (University of Hull), a obra *Too Valuable to be Lost. Overfishing in the North Atlantic since 1880* (2020). Seguindo uma abordagem multidisciplinar, este livro analisa o fenómeno da sobrepesca no Atlântico Norte, apresentando vários estudos de caso e a definição de estratégias internacionais para resolução deste problema, associando política, diplomacia, economia e ciência.

[Ângela Salgueiro](#), IHC-CEHFCI-UÉ / NOVA FCSH



Garrido, Álvaro e Starkey, David J. (eds.). 2020, *Too Valuable to be lost. Overfishing in the North Atlantic since 1880*. De Gruyter.

UMA EDIÇÃO, UMA FOTOGRAFIA



Constituída em 1995, sob a presidência de Mário Soares e a coordenação de Mário Ruivo, a Comissão Mundial Independente para os Oceanos afirmou-se como um organismo de referência na assunção de uma estratégia mais interventiva em matéria de diplomacia oceânica. O relatório final, *O Oceano... Nosso Futuro*, foi apresentado em Lisboa, em setembro de 1998.

[Ângela Salgueiro](#), IHC-CEHFCI-UÉ / NOVA FCSH

Créditos: Câmara Municipal de Lisboa / Arquivo Municipal de Lisboa, fotografia de Carlos Didelet (PT/AMLSB/PAE/GFOT/0163/163063).



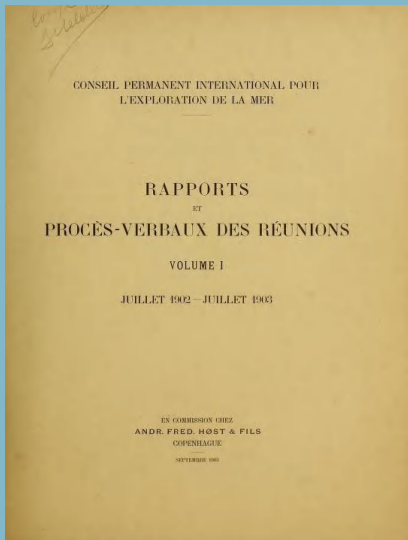
A CÁTEDRA APOIA

O n.º 8 da revista *Práticas da História*, com um dossier dedicado às Comemorações dos “Descobrimentos Portugueses”, encontra-se disponível [aqui](#). A *Práticas da História* é uma revista académica digital, cujo principal objetivo é promover a discussão em torno da teoria da História, da Historiografia e dos Usos do Passado. Neste número faz-se um balanço crítico das políticas de comemoração dos comumente denominados “Descobrimentos Portugueses”.

[Pedro Martins](#), IHC-NOVA FCSH

4 PEQUENOS MOMENTOS DE CONHECIMENTO EM HISTÓRIA DA BIOLOGIA MARINHA

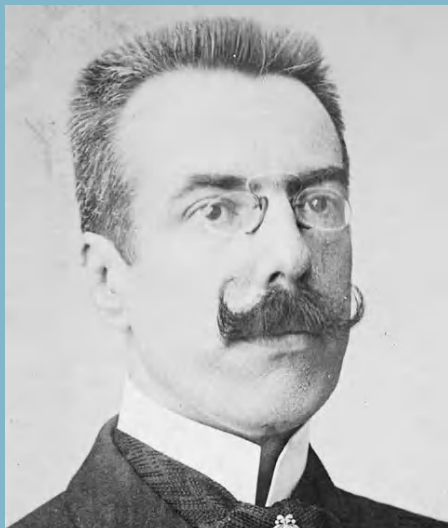
Conceito, espaço, atores e espécie marinha



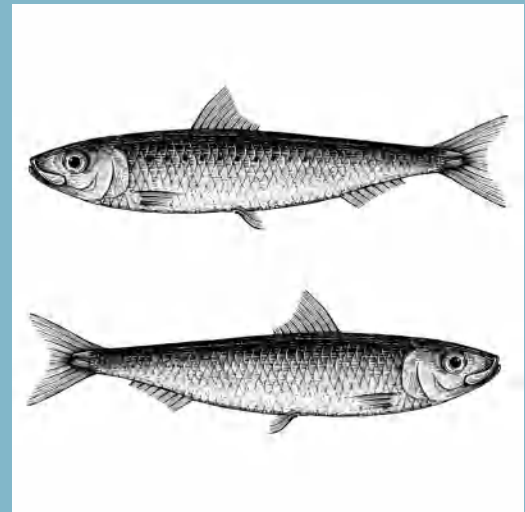
A criação das primeiras estações experimentais fomentou a discussão sobre a importância da conservação dos recursos marinhos, entendida, então, como a necessidade de incrementar as disponibilidades naturais para uso humano. Contudo, a atuação de organismos como a ONU ou a UNESCO possibilitou a definição de políticas de governação internacionais, assim como a sensibilização para uma exploração sustentável e preservação de recursos e ambientes envolventes. Autor: [Ângela Salgueiro](#), IHC-CEHFICI-UÉ / NOVA FCSH. [ICES. 1903, *Rapports et procès-verbaux des réunions 1902-1903*. Copenhague.]



Inaugurado em 1898, o Aquário Vasco da Gama tinha por missão a difusão científica, mediante a promoção da instrução, valorização do passado histórico e promoção do poder político e do pioneirismo científico da monarquia, dada a proeminência rei D. Carlos I nos estudos oceanográficos. A sua herança científica foi fundamental para o Aquário, que receberia o espólio das suas campanhas oceanográficas: aguarelas, desenhos, instrumentos científicos e equipamentos marítimos – atual exposição “Coleção do Rei”. Autor: [Mariana Galera Soler](#), IHC-CEHFICI-UÉ. [Fotografia: Mariana Galera Soler].



Formado pela Faculdade de Medicina de Lisboa, Magalhães Ramalho (1894-1954) iniciou a sua atividade no Instituto de Histologia, onde estudou os órgãos suprarrenais dos peixes. Assistente e depois diretor do Aquário Vasco da Gama (1924-1950), dinamizou expedições hidrográficas e oceanográficas a bordo do navio Albacora, desenvolvendo estudos sobre pesca e sobrepesca e a sustentabilidade dos recursos marinhos em Portugal. Autor: [Ângela Salgueiro](#), IHC-CEHFICI-UÉ / NOVA FCSH. [“Alfredo Mendes de Magalhães Ramalho” (19-), *Arquivo Histórico Parlamentar*].



Sardina pilchardus (Walbaum, 1792) é uma espécie que se distribui geograficamente pela faixa costeira do Atlântico Nordeste, desde o Senegal ao Mar do Norte, incluindo o Mar Mediterrâneo e Mar Negro. A pesca intensiva levou a que a sardinha esteja classificada como espécie “Quase Ameaçada” (IUCN) em termos de estatuto de conservação. Atualmente esta pesca segue um Plano de Gestão que inclui limitações à sua captura anual. Autor: [Sara Albuquerque](#), Universidade de Évora e IHC-CEHFICI-UÉ. [Ilustração livre de direitos].

“ESTAMOS TODOS NO MESMO BARCO”

Projetos, notícias, publicações e leituras rápidas

Projetos de investigação:

- ◆ *Oceanos: capítulos estratégicos na História das ciências geológicas (1870-1950) | Pesquisas paleontológicas: base para a busca de petróleo no Brasil (1907-1940)* – Projetos de Bolsa de Produtividade em Pesquisa 1C – CNPq, Brasil, nos: 306046/2014-8 303505/2018-4 (2019-2023).

É fundamental introduzir a História das Ciências e Tecnologias no Programa da Década das Nações Unidas da Ciência dos Oceanos (2021-2030). O principal objetivo destes projetos é refletir historicamente sobre a pesquisa tecnocientífica sobre os oceanos, que atualmente atinge graus de sofisticação e complexidade, que não são acompanhados pela produção historiográfica das ciências e tecnologias, especialmente no Brasil. Para se ter uma visão real, abrangente e global das ciências dos oceanos, é necessário compreender o que aconteceu e está acontecendo em cada país, em locais ou instituições específicas, nas atividades de agentes que atuam nas redes internacionais. O principal resultado destes projetos é a incorporação de perspectivas históricas para uma reflexão crítica não só sobre o passado, mas principalmente para a análise de projetos em curso e futuros envolvendo os oceanos. No Brasil, a expressão – *Amazônia Azul* – como uma analogia aos recursos da região da floresta foi cunhada para identificar o oceano como a última fronteira para a exploração do petróleo e dos recursos minerais das profundidades oceânicas, como nódulos polimetálicos, veios hidrotermais. Dada a crescente evidência científica de impactos de longo prazo da mineração nos ambientes abissais, propor novas direções e insistir na nossa responsabilidade de investigar historicamente os oceanos são essenciais para proteger os ecossistemas marinhos e a sua biodiversidade.



[Maria Margaret Lopes](#), Universidade de Brasília e IHC-CEHFCI-UÉ

- ◆ *The Social and Economic Integration of Refugees in Portugal: A Normative Assessment of Moral Duties, Public Policies, and Social Values* (ref. PTDC/FER-ETC/30378/2017).

Este projeto, coordenado por [Gabriele De Angelis](#) (IFILNOVA), pretende analisar, numa perspetiva interdisciplinar, as políticas atuais de integração dos refugiados em Portugal e do seu papel dentro do espaço europeu. As historiadoras (Yvette Santos e Marta Silva) do Instituto de História Contemporânea, entidade participante do projeto, querem avaliar as práticas históricas de acolhimento e de integração dos refugiados em Portugal desde o 25 de abril e a sua influência na realidade atual de acolhimento. Em 2019, realizou-se neste âmbito

um encontro internacional – *The sea in the 20th-21st centuries and the «forbidden migrations»* – visando reunir trabalhos de investigação inovadores com o propósito de fazer um estado de arte sobre práticas de acolhimento de migrantes/refugiados que completam um trajeto marítimo. Com o mar como sujeito da história das migrações, os participantes refletiram sobre o seu lugar nos discursos políticos sobre as migrações, sobre práticas de vigilância, controlo, acolhimento, *containment* e transgressão em alto mar e no entorno portuário/costeiro, sobre o papel do mar na construção de identidades nacionais e sobre as narrativas e representações construídas em torno das viagens marítimas clandestinas.

[Yvette Santos](#), IHC-NOVA FCSH e [Marta Silva](#), IHC-NOVA FCSH [Refugees on a boat crossing the Mediterranean Sea (2016), fotografia de [Mstyslav Chernov](#)]



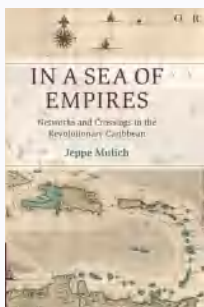
Notícias:

- ◆ *Centro Interpretativo da História do Bacalhau inaugurado em Lisboa*

A epopeia dos portugueses no Atlântico Norte devido à pesca do bacalhau é o tema do mais recente espaço museológico de Lisboa, inaugurado em 22 de julho. Localizado no Terreiro do Paço, o Centro Interpretativo da História do Bacalhau homenageia os homens que desde o século XVI rumam à Terra Nova. O projeto resulta de uma parceria entre a Câmara de Lisboa e a Associação Turismo de Lisboa, e conta com a colaboração das autarquias de Aveiro e de Ílhavo. O comissário científico é Álvaro Garrido, ex-diretor do Museu Marítimo de Ílhavo e colaborador do IHC.

[Fátima Mariano](#), IHC-NOVA FCSH

Sugestões editoriais e leituras mais ou menos rápidas:



Mulich, J. 2020. *In a Sea of Empires: Networks and Crossings in the Revolutionary Caribbean*. Cambridge: Cambridge University Press. doi:10.1017/9781108779289. Com uma abordagem interdisciplinar, cruzando economia, política e sociedade, Jeppe Mulich (University of London) explora questões relacionadas com relações transnacionais e transimperais num Pacífico em acelerada mutação.

Para ler com tempo:

Soares, Mário. 1998, *O Oceano... Nosso Futuro*. Relatório da Comissão Mundial Independente para os Oceanos. Redigido no âmbito da presidência da CMIO, foi apresentado em 1998, ano em que Portugal organizou a Exposição Internacional de Lisboa. Destinava-se a apresentar recomendações à comunidade internacional para a definição de políticas comuns de preservação e salvaguarda dos oceanos.

Leituras rápidas:

“HMS Endeavour 250: história natural através de encontros coloniais”, texto em inglês - Disponível [aqui](#).

“Imagine que um cientista da época vitoriana estudava os resíduos plásticos do Oceano”, texto em inglês - Disponível [aqui](#).

PORTO DA CIDADE

Estaleiros na cidade: a Setenave em Setúbal

A história contemporânea de Portugal cruza-se com o mar e com os estaleiros navais. A Setenave (atual Lisnave) foi fundada em 1971, constituindo-se como uma das maiores empresas a operar na região. O seu estaleiro encontra-se na península da Mitrena, a 12 km de Setúbal, num local com excelentes condições naturais: pela presença do estuário do Sado, com 10km de comprimento (1,5km no seu ponto mais estreito), e pela proteção proporcionada pela península de Tróia e Serra da Arrábida, deixando o estaleiro ao abrigo de ventos e marés. A profundidade média das águas varia entre 8 e 12 metros e as temperaturas oscilam entre os 10°C no inverno e os 25°C no verão, proporcionando excelentes condições para a construção e reparação naval. Previa-se uma atividade importante com a entrada em funcionamento do porto de Sines, ao construir os navios utilizados pela armadora Soponata no transporte do petróleo de Cabinda para refinação em Sines. A crise mundial do «petróleo» de 1973 goraria as expetativas mais otimistas da Setenave. Não obstante, a empresa consolidou-se no contexto económico nacional pela sua capacidade industrial, volume de emprego e peso social na região de Setúbal. Atualmente, os seus estaleiros são ocupados pelos Estaleiros Navais de Lisboa (Lisnave), uma das maiores empresas europeias e mundiais de reparação naval.



Docas da Lisnave, nº 32 e 31 (a nº 30 está desocupada), em Setúbal, fotografia de [Paulo Valdivieso](#)

[Jorge Fontes](#), IHC-NOVA FCSH

NOTA DA EQUIPA EDITORIAL

Os oceanos são como um gigantesco relógio à escala planetária, em movimento permanente com uma duração de mil anos para materializar uma volta completa entre as latitudes altas do Ártico e do Antártico e as baixas nos trópicos: a água mais salgada, densa e fria afunda-se enquanto se eleva a de menor salinidade e densidade, e mais quente. Os oceanos são um ecossistema frágil e a história foi evidenciando esses sinais, em especial nas últimas décadas do século XX, quando foi constituída a Comissão Mundial Independente para os Oceanos (1995): os oceanos da “conquista” dos limites, que eram os dos Lusíadas (1572) de Luiz de Camões ou da História Trágico-Marítima (1735) de Bernardo Gomes de Brito, aqueles onde tinham navegado Melville e Henry Dana, Jr., autores de *Moby Dick* (1851) e *Two Years Before the Mast* (1840), e de algum modo os que a equipa de Cousteau documentara em *O Mundo Silencioso* (1953), já não são os oceanos dos finais do século XX. O sentimento, causado pelos testemunhos de pescadores profissionais e desportivos – “quando comecei a pescar enchia o convés; depois enchíamos caixas; agora são meia-dúzia” / “apanhei bacalhaus que eram maiores do que eu; se hoje apanharem algum de metro é bom” – e pela comparação de fotografias e descrições dos recifes de coral e dos leitos marinhos feitas pelos primeiros oceanógrafos e as que se fazem na atualidade, inspirou o conceito de “deslocação das linhas de base” (“shifting baselines”): **porque as diferenças são tão óbvias que, na aparência, estamos noutra lugar**. Porém, os Tratados e Convénios que se instituem para conciliar os países sobre estas questões parecem perder relevância com as alterações de tempo curto de conjuntura: tome-se como exemplo o caso dos países apoiantes do Sistema do Tratado da Antártica (1961), que reservava a região para estudos científicos e a excluía de reivindicações de propriedade e ações militares, tiveram posições mais retraídas duas décadas depois, aquando da Convenção para a Conservação dos Recursos Marinhos Vivos da Antártida (1982), que alargava a proteção aos recursos oceânicos em torno deste continente, pois face ao degelo e à crescente facilidade de exploração, para a qual contribui a inovação tecnológica, mudou a atitude dos subscritores. Faces de oceanos, em espaço marítimo e em temporalidades diferentes, são sinais vivos e comprometidos que deixamos para reflexão. Boas leituras, boas navegações!